

“A BIBLIOTECA DO FUTURO” É AGORA

No histórico número 1 (1972) da “Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG”, havia um artigo intitulado “A biblioteca do futuro”, em que Lydia Sambaquy (1913-2006), relatava a experiência do pavilhão “Biblioteca 21”, apresentado na “Feira Mundial do Século 21”, em Seattle (1962). No pavilhão, “num bloco circular, de linhas arrojadas, um computador eletrônico UNIVAC”, representava a biblioteca do futuro. A professora continua o relato: “Para que o leitor não ficasse assustado ante as perspectivas de uma biblioteca do futuro onde pareceria não haver lugar para os livros, foi montada, no segundo bloco destinado à Biblioteca, uma coleção de referência que funcionava da forma tradicional [...] Mais adiante Lydia perguntava: “Serão assim nossas bibliotecas daqui a

30 anos? Quero crer que não.” Entretanto, demonstrava curiosidade: “Quisera eu possuir uma ‘máquina do tempo’, para visitar uma Biblioteca do ano 2000..”

Interessante pensar que aquele futuro – que Lydia Sambaquy chegou a viver – é agora. O artigo, que parece ter sido escrito há tanto tempo, já é parte de um tempo acelerado em que não necessitamos mais da “máquina do tempo” para viver o futuro.

A aceleração do tempo modifica alguns conceitos e práticas básicas da vida real. Os conceitos de tempo e lugar se modificam radicalmente porque o *tempo* tornou-se sinônimo de velocidade de produção e distribuição de informações; e o *local*, por sua vez, tornou-se secundário, pois não importa mais a distância: a co-

nexão remota pretende garantir o suprimento de informações.

Essa "revolução" da tecnologia da informação, que para uns supera o Renascimento (em termos culturais) e a Revolução Industrial (em termos econômicos), mostra também o risco da evolução para um sistema de feudos informacionais. Isto porque a "globalização" não significa processos informativos necessariamente globais e democráticos.

As mudanças exigem posicionamentos críticos e práticos no enfrentamento desta nova ordem. Existem muitas lutas a serem travadas. Parece estranho constatar que, no Brasil, pouquíssimas bibliotecas públicas e bibliotecas escolares da rede pública utilizam as "novas" – e mesmo as antigas – tecnologias da informação. Não seriam estas instituições as provedoras, no nível básico da sociedade, das fontes de informação para a cidadania? Muitas ainda não passaram pelo Renascimento e já são devolvidas ao Feudalismo.

Multimídia? Redes? Que vocabulário é este? Essas bibliotecas não

têm o básico: livros (ainda)! Acesso à Internet? Sim! Inauguram-se, com o alardeamento necessário ao marketing político, terminais em bibliotecas públicas e escolas. Mas, que condições de acesso o cidadão dispõe?

Juntamente com os benefícios, a "globalização" impõe um acentuado grau de crueldade a determinadas sociedades e grupos sociais.

Sem sermos apocalípticos, nem integrados (Umberto Eco), penso que, como profissionais da informação, nosso papel é entender que a globalização econômica e eletrônica não atende a todos os planos e necessidades de compartilhamento da informação. A massa de excluídos – países, grupos étnicos, regiões – deve crescer como um *boom*, pois não detém os requisitos mínimos – físicos e econômicos – de acesso aos benefícios da globalização. Portanto, utilizar "globalização da informação" como sinônimo de democracia é uma falácia.

Lydia Sambaquy não era avessa à tecnologia, pelo contrário, pensava a tecnologia como aliada, sem

contudo, deixar de refletir sobre os impactos sociais. Reitero que nosso papel pressupõe criticidade, pois, "o papel do intelectual não é o de se colocar 'um pouco à frente ou um pouco ao lado' para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da 'verdade' da 'consciência', do discurso." (Michel Foucault)

Esperamos que **Informação & Informação** continue sendo um veí-

culo que traga e propicie reflexões sobre os vários aspectos da Ciência da Informação. Para isto, a equipe do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina não tem economizado esforços. Com este número (v.11, n.2, 2006) atualizamos nossas edições e, uma vez mais, agradecemos a autores, avaliadores e usuários da Revista por endossarem nosso projeto.

Boa leitura!

Terezinha Elisabeth da Silva
Editora